

## NOTAS SOBRE GÊNEROS, SEXUALIDADES E O DESEJO NA SOCIEDADE DE HIPERCONSUMO

### NOTES ABOUT GENDER, SEXUALITY AND DESIRE IN A HYPERCONSUMPTION SOCIETY

Leonardo Cappi Manzini<sup>1</sup>

Lígia Cappi Manzini<sup>2</sup>

**RESUMO:** Trata-se de um artigo em uma perspectiva pós-estruturalista crítica, fruto dos debates e reflexões na disciplina de psicologia, gênero e políticas públicas no mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia-RO. Tem caráter bibliográfico em uma perspectiva qualitativa. Objetiva-se tecer apontamentos acerca das políticas do desejo nas interfaces com as relações de/entre gêneros e sexualidades em andamento na sociedade de hiperconsumo e o papel da escola diante de tais interrogantes. Apresenta-se uma leitura não convencional sobre as forças discursivas em jogo no cenário cultural da atualidade, buscando-se compreender as formas dissimuladas de agenciamentos capitalísticos das subjetividades. Reiteram-se preocupações e impossibilidades perpetradas por diferentes agências de enunciação capitalística do desejo e da vida em sua dupla redução: em nível da mercadoria, na sociedade de consumo, e em nível da animalização enquanto objeto das Biopolíticas. Por outro lado, busca-se, com os autores, destacar sucintamente as interseccionalidades e as multiplicidades vigentes, que se encontram às margens, vislumbrando outras formas de viver e sentir para além de uma vida rotulável.

**Palavras-chave:** gênero, sexualidade, desejo, violência, consumo.

**ABSTRACT:** It is about a multi-theoretical article in a post-structuralist critical perspective, the result of discussions and reflections on psychology area, gender and public policy in the psychology master's degree at the Federal University of Rondônia-RO. The objective is to establish notes about the policies of the desire on the interfaces with relations of/between gender and sexuality in progress in

<sup>1</sup> Psicólogo. Mestrando em Psicologia Escolar e Processos Educacionais MAPSI/NUSAU, Universidade Federal de Rondônia UNIR- Porto Velho-RO. Professor da Faculdade da Amazonia Ocidental – FAAO. Rio Branco, Acre. Brasil. leocappi@gmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales-UCES. Buenos Aires, Argentina. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, MT. Brasil. licappi@hotmail.com

hyperconsumption society. Presents an unconventional reading of the forces playing in today's cultural scene, trying to understand the covert forms of capitalist assemblages of subjectivities. Reiterates concerns and impossibilities perpetrated by the commodification of life worldwide. Explores briefly the intersectionality and existing multiplicities, seeing other ways of living and feeling beyond a standardized life.

**KEYWORDS:** gender, sexuality, desire, violence, consumption.

## **Introdução**

Ao se refletir sobre as categorias gênero, sexualidade e identidade deve-se ter claro que são categorias relacionais. No extremo, elas não existem, são elas mesmas, uma taxonomia dos saberes, da racionalidade científica na tentativa de nomear o inominável, o que não tem nome nem nunca terá. Seus “acontecimentos” tecem as dobras entre corpo e discurso, identidade e sujeito, política e subjetividade (FOUCAULT, 2003). De fato, a existência enunciada pelos agenciamentos capitalísticos da sociedade de hiperconsumo, seja dos gêneros, das sexualidades e ou das identidades, não possui toda literalidade com a existência da enunciação. Na materialidade e na imanência a vida transborda os limites das categorias, faz outros contornos, move-se taticamente por conta própria, levada por correntes autobiográficas, singulares, inconscientes. Seus sentidos, intensidades e ações são deslizantes, históricas, capilares e prenes de hibridação e desterritorializações/reterritorializações (GUATTARRI; ROLNIK, 1996).

Nessa perspectiva, tentamos tomar o desejo como uma dimensão de análise não dicotomizada com a vida e seus afetamentos, comum aos modos de pensar hierárquicos, em que se operam suas respectivas, automações e reduções. Ao contrário, sugerimos ter em mente o paradigma ético-estético das produções corporais e extracorporais como imanência, como fluxo de forças que escapam à tentativa do poder em nomeá-las, positivá-las. Desejo enquanto espaço de força e de produção de dissensos, conforme alude Pelbart (2014) sobre o fluxo desejante pelos 0,20 centavos que tomou as ruas nas manifestações da ‘primavera brasileira’, “Anota aí: Eu sou ninguém” (GUATTARRI, 1997).

Em forma de um esboço crítico e de cunho bibliográfico, introduz-se alguns questionamentos teóricos e empíricos: sobre o campo do desejo, na sociedade de hiperconsumo; sobre as políticas de identidades sexuais e de gêneros cunhadas ao longo da modernidade e desgastadas na pós-modernidade

que, ora, apresentam um cenário paradoxal de reconfiguração, sobretudo impulsionadas pela fase do capitalismo denominada hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007), e pela produção de uma subjetividade de consumo (BAUMAN, 2004).

Conforme Scott (1995) e Louro (1997), devemos destacar apropriações e aproximações, e também distanciamentos e rupturas teóricas e metodológicas realizadas pelas teorias feministas sobre as relações de gênero, sexualidade e subjetividade. Destacam-se as contribuições do pós-estruturalismo, particularmente do conceito de *desconstrução*, de *poder* e o de *diferenciação* através das reflexões de autores, entre os quais J. Derrida e M. Foucault (SCOTT, 1995; LOURO, 1997).

Outros autores e teorias também se somaram ao longo dos anos, ampliando as discussões e debates. Assim, buscamos contribuições de Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) no que tange ao desejo, ao gênero e às políticas de subjetivação. E ainda, concernente às sexualidades, poder e políticas de subjetivação retomamos, em um segundo momento, o pensamento de Michel Foucault a partir de alguns interlocutores, entre os quais Giorgio Aganbem, e a noção de vida qualificada como proposta de contágio e de vértice para se pensar sobre uma educação para além da docilização e da normatização dos corpos reduzida aos níveis e categorias sub-humanas, da simples da escravização das singularidades e da expropriação dos processos cognitivos alienados como microdispositivos e sinapses da mais-valia como objetos.

Algumas perguntas devem ser previamente esboçadas, e, à medida que o texto vá fluindo junto ao leitor, esperamos que assumam contornos mais nítidos e, talvez, possíveis ressonâncias extrapáginas<sup>3</sup>, que criem possibilidades de contágio.

Homens e mulheres possuem os mesmos desejos? De que modo, durante o século XX e início do século XXI, o campo do desejo se diferencia para homens e mulheres? O que podem e como podem cada um dos gêneros? Quais as possibilidades de realização e satisfação para mulheres e para homens, na dimensão da produção do desejo? De que modo, homens e mulheres atuam em relação à dimensão do desejo no acesso aos prazeres e no dissenso dos desprazeres, da solidão, do tédio? E, na condição paradoxal vivida pela sociedade capitalista Ocidental, o que nos revela, quando lançamos o olhar para o modo com que as pessoas buscam os prazeres sejam quais forem? Ou mesmo, como sofrem por não obtê-los ou não proporcioná-los?

Toda a produção do conhecimento ou de técnica tem o campo do desejo como substância imanente. Nessa perspectiva, quem deseja são as

<sup>3</sup> Grifo nosso. Remete ao leitor a sua interpretação e significado pessoal.

máquinas, os órgãos da maquinaria, os centros de onde emanam as formas de poder fármaco-pornográficos. O desejo de conhecer, de compreender, de explicar, de transformar, de governar é, portanto, um elemento não-humano, extracorporal, e se constitui na imanência e não na transcendência, está no plano das coisas, na materialidade, nos acontecimentos, ao nível maquinico (DELEUZE; GUATTARRI, 1994). São historicamente significados, diferentemente traduzidos e materializados culturalmente, jamais restritos ao substrato orgânico e biológico do corpo; é o desejo advindo da insatisfação outorgada ou própria, que mobiliza e coloca em movimento a história, redefinindo ou reorganizando uma espécie de geocracia do gozo e dos prazeres e do jogo das proibições e permissões (RAGO, 2012).

Também é preciso remeter ao desejo, no sentido popular, como expressão-causa da vontade e intenção, desejo como sinônimo de querer fazer ou pensar em fazer, de sentir e de se fazer sentir, de obter e proporcionar prazer ou desprazer, de necessidade. Esfera limitada e historicamente semiocrática dos poderes e de seu efeito sobre os sentidos, as palavras e as coisas. Por outro lado, o sentido popular desvela as atribuições arbitrárias e desorganiza as formas dominantes, sendo o desejo algo mais, aquilo que escapa. O desejo é diferente de necessidade e de amor, com ou sem suporte de partes do corpo, como o compreende a psicanálise. É oriundo da libido e das pulsões, advindas e direcionadas tanto aos objetos quanto a si mesmo, tendo a falta como seu avesso, gestada pelo desejo de ser desejado, instaurada pelo outro desejante /faltante como objeto fantasiado (NAZIO, 2012). O encadeamento do desejo transborda o indivíduo e coloca ambos em movimento. É, pois, gestante da cultura e suas expressões e repressões, se faz na dimensão social, simbólica, sujeita ao desfiladeiro dos significantes não tendo o gozo um só amo (LACAN, 2003). Desejo que está tanto na ordem simbólica da cultura quanto na ordem erótica do corpo pulsional e para além deles mesmos, como Eros.

Atualmente, vive-se a promessa de uma satisfação plena através dos objetos oferecidos pelo mercado, sujeito e objeto alternam-se, inverte-se a condição do significante, em que os objetos é que ditam as rédeas do desejo. O objeto se transforma no principal item de distinção social e individual. De fato, estamos, nessa perspectiva, em um agenciamento político de expropriação e positivação capitalística do desejo, reduzindo o sujeito a sua condição de objeto e, por que não, abjeta (BIRMAN, 2005; NASIO, 1997; ROUDINESCO, 1998).

É, de certo modo, um apoio pensar o desejo no sentido proposto por Rolnik e Felix Guatarri (1996), como movimento, afetamento e intensidade de fluxos externos e internos que produzem singularizações e multiplicidades.

Desejo como produção maquínica e, ao mesmo tempo, singular e contínua, como vibratibilidade. Nesse sentido, o desejo não seria uma volição psicológica ou uma energia puramente psíquica ou orgânica, mas, ao contrário, afetamentos que se produzem na intersecção entre o social e o humano, entre os poderes e o corpo vibrátil livre.

Diante da complexidade do tema, e sua ressonância com grandes áreas do saber, buscamos interlocutores para, eventualmente, elucidar o campo do desejo nas relações entre os gêneros. Tomamos como materialidade o exercício da sexualidade, a busca pelos prazeres cotidianos e as possibilidades de realização da individualidade entre homens e mulheres nas sociedades capitalistas baseadas na lógica de hiperconsumo e suas relações de poder.

Defendemos a tese que, de acordo com Judith Butler (2014). As identidades limitam os corpos a se moverem; as categorias gênero, sexo, sexualidade, identidade pessoal, cultural, biológica possuem uma intrincada articulação com a manutenção de uma sociedade que decide quais corpos e faixas populacionais devem ser mantidas e quais devem ser reduzidas, aniquiladas, capitalizáveis; as vidas que devem ser lamentadas e as não lamentáveis, por quem sorrimos e por quem choramos. Como sugere a autora filósofa “não se trata de acabar com as normas”, mas, produzir outras capazes de nos oferecer melhor capacidade de vivermos juntos<sup>4</sup>.

Quanto à sexualidade, a fim de esclarecimentos teóricos, consideramos a definição da autora e esboçada por Foucault (2003), de que não deve ser concebida como uma espécie de dado da natureza a ser revelada pelo poder ou pelo indivíduo, nem como uma realidade outra e obscura de uma suposta natureza humana abjeta. Ao contrário, deve ser concebida como um dispositivo histórico-cultural, uma grande rede na superfície da qual a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, sua transformação em discurso, o reforço dos controles e das resistências se encadeiam uns aos outros, seguindo as estratégias de saber e poder, convenientes, que aumentem a adesão e a dependência das categorias de normatização (FOUCAULT, 2003).

### **A capitalização das identidades sexuais e de gênero: a violência do gênero e a individuação para o consumo**

As sociedades interculturais e globalizadas assistem a uma infinidade de fenômenos de hibridações culturais e identitárias, ora capitalizadas e

<sup>4</sup> Entrevista concedida à revista Cult. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/09/temos-que-pensar-o-lugar-de-corpos-movendo-se-livrementem-dentro-de-uma-democracia-diz-judith-butler/>

incitadas pelas agências semióticas, ora escapando das formas de controle e gerenciamento das subjetividades, proporcionando ‘novos’<sup>5</sup> cenários e muitas outras possibilidades existenciais e subjetivas. Seja como engodo publicitário, apenas, ou de fato, como realidade concreta e alternativa, de linhas de fuga criativas e rizomáticas que deslizam dos espaços estriados para os espaços lisos, criando póros e capilarizando a geocracia do gozo e do desejo (GUATTARRI, 1997; CANCLINI, 2008; FOUCAULT, 1999).

Os sistemas totais, fixos, polarizados estão com os dias contados? As relações de gênero ainda produzem tensões e rupturas ou encontram-se, horizontalizadas, em franca fluidez e dinamismo nas engrenagens de mercado e das fórmulas Biopolíticas? São perguntas que se entrelaçam e ressoam entre si. Aquém de respondê-las integralmente, sua elaboração já fornece pistas sobre os caminhos e desafios postos pela contemporaneidade, as mudanças de sentidos e os sentidos das mudanças.

A questão que se desenha parece consistir, juntamente com demandas da globalização e das mídias, tanto em uma reafirmação e reedição de estereótipos de gênero, de sexualidade e de identidade quanto nas formas de performatizar tais categorias. Surgem novas subcategorias, novas formas de protagonização e enfrentamentos, o que não garante que se alterem as formas canônicas e dominantes de obter e experimentar formas de prazer e de realização das singularidades criadas pelas formas tradicionais e Biopolíticas do poder, como o estatal. A maior tirania ou violência parece ser desvelada, como sugere Aganbem (2012), quando percebemos que o estado de esgotamento e sobrevida é orquestrado para permitir o constante aproveitamento das forças produtivas.

As novas formas de sofrimento sinalizadas pela clínica psicanalítica também remetem às mudanças nos laços sociais, aos excessos e privações próprias do modelo social vigente. Formas compulsivas, toxicomanias, vazio, falta de sentido na vida, culpa, impossibilidade de nomear os afetos, são algumas expressões do mal-estar vivido por crianças, adolescentes, adultos e idosos (BIRMAM, 2013).

Nas estratégias do capitalismo cultural, nas mídias de massa, vive-se um constante assédio à subjetividade, aos gêneros, às identidades, aos modelos, estereótipos de *glamorização* e outras variedades de bens, imagens e linguagens circulantes e consumíveis pelo cidadão comum. Estaríamos diante de sofisticadas estratégias de poder e de agenciamentos capitalísticos da sub-

---

<sup>5</sup> Grifo nosso. ‘Novo’, como utilizado, pode não ser exatamente um evento totalmente descolado do plano histórico, mas dotado de características que o configuram como recente, tornados visível, etc.

jetividade? (ROLNIK, 1996).

Conforme Giffin (2002, p. 110), pronunciamentos oficiais sobre a importância de gênero fazem parte da agenda e dos discursos governamentais e macroeconômicos, fazendo com que haja um esvaziamento de conceitos e uma crescente ideologização em torno das políticas de gênero, servindo para encobrir e promover desigualdades e conflitos de interesses. O que parece acontecer consiste em uma verdadeira reestruturação do poder e não uma mudança de paradigma. Devemos sublinhar esse quadro que, do ponto de vista crítico, esboça nuances e invisibilidades acerca das relações de gênero e dos impactos nas subjetividades das atuais circunstâncias sociais, culturais, tecnológicas e simbólicas, da chamada pós-modernidade. A diferença é o grande 'Up' publicitário ao oferecê-la pronta para o consumo, como identidade vazia e oca, na qual o discurso do 'mais de gozar' do qual fala Lacan (2003) é ofertado, sendo a diferença a etiqueta de distinção sem causar nenhuma ruptura, apenas legitimação.

Percepções coletivas e grupais ainda denotam a vigência de preconceitos heteronormativos e discriminatórios. O choque predatório e colonizador entre os gêneros impõem-se de forma violenta e disseminada, encoberto tanto por uma invisibilidade política e social quanto pela hipervisibilidade das subjetividades da tecnocultura, imersas nas redes sociais virtuais de individualização. Nota-se a existência de práticas e gestos, no cotidiano das pessoas, que ainda exibem e reeditam formas diversas de protagonismos do machismo, do preconceito de gênero. Aparecem, a partir de um insulto velado, de uma hierarquização de domínios e poderes referentes ao sexo e ao gênero. Mas também mobilizam o corpo, o desejo, mostrando que são práticas que ainda fornecem os signos das identificações e das distinções, de um eu, de uma subjetividade aturdida e multifacetada, atravessada por políticas de subjetivação difusas e sofisticadas (CASTAÑEDA, 2006).

Homens e Mulheres reinventam suas formas de masculinidade, feminilidade, homossexualidade, auxiliados(as) pela indústria cultural, pelos bens de consumo, objetos, signos e modelos fornecidos pelo protótipo 'clean' da moda. É assim, junto às demais dimensões da subjetividade, uma (des) construção constante. Por isso, seu caráter duplamente predatório, é constantemente saqueado, agenciado, objeto agenciável. Estamos sempre à beira da obsolescência, tornamo-nos mercadorias. A cultura do hiperconsumo age como uma indústria da 'cafetinação', oferecendo e vendendo as demandas que devem fazer parte da próxima estação (ROLNIK, 2006; BAUMAN, 2005; 2008; KEEN, 2011; CANCLINI, 2008). O desejo está permanentemente sendo

sequestrado (FOUCAULT, 2007), está sempre sendo assediado pelo capitalismo cultural-emocional (ROLNIK, 1996; LYPOVETSKI, 2007).

O exercício de si passa pela imagem ou pelas inúmeras imagens-objeto circulantes, da adesão e dos agregados identitários e performáticos disponíveis no mercado do luxo. Para os que podem consumi-las(os) e descartá-las(os), trata-se de um poder-prazer desejado, a ser conquistado e capaz de melhor representá-lo, como indivíduo, com um eu-marca (SIBÍLIA, 2008); um sujeito inserido, atualizado, ‘descolado’, um bom cidadão pós-moderno em uma sociedade de vertigens e templos de consumo. Mas tal preenchimento do sujeito vazio, em fase de saturação, demonstra sinais de infiltrações, rachaduras, recomposições. De um lado, temos a potência da vida, a criação; de outro, a cafetinagem capitalística, a expropriação da subjetividade, o tédio, a liquidação dos desejos infláveis (PELBART, 2013; ROLNIK, 1996).

Conforme Guattari e Rolnik (1996, p. 143), de uma maneira ou de outra é importante considerar que hoje

[...] todos vivemos, quase que cotidianamente, em crise; crise da economia, especialmente a do desejo, crise dos modos que vamos encontrado para nos ajeitar na vida - mal conseguimos articular um certo jeito e ele já caduca. Vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade de nossas experiências. “Somos íntimos dessa incessante desmontagem de territórios: treinamos, dia a dia, nosso jogo de cintura para manter um mínimo de equilíbrio nisso tudo.

Temos assistido e sentido que as mentalidades, os gestos, as emoções, os recursos, os ambientes, as tarefas e as responsabilidades — que, no passado, tão bem demarcavam os territórios existenciais e de intensidades do desejo, entre homens e mulheres — estão se desmanchando, sendo amplamente utilizados tanto por um(a) quanto por outro(a) no exercício de suas feminilidades, masculinidades e homossexualidades, hibridizações. E a maquinaria da indústria cultural, no jogo vertiginoso entre espelhos, passarelas e vitrines tem implementado e aproveitado tais possibilidades como uma imensa cadeia de produção e consumo de identidades, definindo principalmente seu tempo de vida e seu prazo de validade (CASTAÑEDA, 2006; CANCLINI, 2008).

Ao mesmo tempo, não se deve negar, que estão postos novos campos onde o desejo pode circular e onde ele também não pode. Onde ele é interdito, desautorizado, silenciado, perseguido. Os múltiplos lugares, personagens e narrativas por onde as diferentes modalidades do desejo podem encontrar



escoamento são regiões fronteiriças e preenchem os espaços estriados do poder. Habitadas por espécimes híbridas e nômades, provisórias, não-vetorizadas, inter-estéticas e transvaloradas, identidades de fronteira (DELEUZE E GUATTARRI, 1997).

Trazendo o sujeito para o centro das questões, a pós-modernidade coloca a intimidade como um exercício privado, de domínio e de direito exclusivo do indivíduo, desde que não se depare com uma barreira ainda sólida, moral, médica, jurídica, econômica, quanto a sua escolha, condição ou situação. O indivíduo pode ser e fazer com seu corpo o que e do modo que quiser, só não é permitido que tais escolhas atrapalhem as instâncias de produtividade inoculadas no corpo em forma de dobradiça (CANCLINI, 2008; BAUMAN, 2008).

Assim, a contenção/incitação dos prazeres, em favor de uma vida feliz e autoadministrada, faz parte das mentalidades pós-modernas que aprendem duramente, ou devem fazê-lo, a controlar e monitorar seus desejos em um mundo de frustrações recorrentes e privações estruturais, buscando canalizá-los, positivá-los, conforme as exigências e demandas sociais próprias das sociedades capitalistas (BAUMAN, 2004; 2008).

O constante assédio mercadológico das subjetividades parece tornar essa tarefa um desafio às individualidades. Por outro lado, promete, senão a cura, a amortização dos efeitos de um mundo de relações líquidas pautadas em uma modalidade de narcisismo coletivo. O mercado dos prazeres nunca foi tão variado e especializado como agora, e isso é muito clássico até. Hoje, pode-se falar em indivíduos menos afoitos e conscientes de que não se pode ter tudo o que se deseja, mas, mesmo assim, obter momentos felizes. O hedonismo é um entretenimento, mas não uma condição (BIRMAN, 2001; 2005; BAUMAN, 2004).

Em relação à sexualidade e aos gêneros na contemporaneidade, ser lésbica, ser homossexual, ser adepto de modalidades sexuais 'diferenciadas'<sup>6</sup>, viver a conjugalidade de forma pouco habitual e outras inúmeras situações incomuns, pode não mais ser motivo de preconceito, expiação, chacotas, piadas, exclusão e violência, desde que esteja, em muitos casos, publicamente velada, encoberta, dissimulada, escondida, desconhecida. Nesse sentido, vemos uma sociedade que desmente as proibições, colocando a fantasia como possibilidade de ludibriar o mal-estar.

Enfim, o exercício da intimidade, da sexualidade, da privacidade, apesar de ostentada e rotulável, diz cada vez mais respeito somente ao indi-

<sup>6</sup> Grifo nosso. Incluem modalidades individuais ou em grupo, sadomasoquismos, onanismo, fetichização, voyeurismo, etc.

víduo, desde que este não viole o outro, ou mesmo, os limites enfaticamente jurídico-legais desse outro, sem consentimento ou anuência, mas que suporte as privações e os excessos do *ethos* atual.

No entanto, a desconfiança, a suspeita, o ressentimento de gênero e sexual estão sempre à espreita. Qualquer ato ou ação desses 'outros' sociais podem receber e serem interpelados pelas identidades e discursos canônicos, pela moral sexual civilizada, por um dispositivo de saber-poder normatizador e punitivo. A diferença é logo incorporada à lógica mercadológica, é expropriada de sua potência criativa e intempestiva, deixa de ser uma ameaça para se tornar um simulacro vazio e serializado (ROLNIK, 1996).

Já, Canclini (2008), diante do agigantamento das metrópoles e das culturas híbridas, considera que as pessoas se reservam a espaços e círculos muito restritos, o que tem fortes implicações nos modos de vida e nas formações de identidades fluidas. Nesse sentido, a intimidade e a privacidade são compartilhadas por poucos, o resto seria pura impessoalidade, dissimulação, performance, anonimato e fixidez de papéis sociais.

Para Foucault (2003), estaríamos vivendo a constituição de uma ética de si e de cuidado de si, semelhante, em parte, à experimentada pelos gregos na antiguidade. Não se trata de um poder-saber punitivo apenas, mas, ao contrário, poder que permite e autoriza, a partir de determinadas regras e lugares, experiências outras no que tange à sexualidade e aos prazeres.

Isso não quer dizer que se pode qualquer coisa, ao contrário, opera-se uma minuciosa orquestração das possibilidades e nem todos, de uma ou outra maneira, possuem acesso e direitos iguais. A homossexualidade, por exemplo, é imbuída de uma ética própria, tecida, muitas vezes, na sua condição de marginalização e de outro social.

Na atualidade, no que tange à individualidade, o eu torna-se depositário, editor e narrador de um colecionismo de si mesmos distribuídos, de um repertório de crenças, representações, imagens, desejos, capazes de guiá-lo através da multidão e da multiplicidade. Sua tarefa cotidiana é corrigir as rotas, as decisões, as escolhas, os caminhos, as formas narrativas de si compartilhadas por seus semelhantes e por seus desiguais; não segue modelos totais apenas, mas articula-se dentro de uma racionalidade tecno-estética e extracorpórea, reinventa a si mesmo com as narrativas oferecidas pelos bens de consumo ou, ao contrário, subverte-o criativamente, mesmo que parcialmente (CANCLINI, 2008, BRUNER, 1997; GHIRALDELLI, 2007, p. 12).

Mas e quanto ao colecionismo das intensidades e narrativas sexuais e de gênero? Não se desterritorializa tão facilmente seu próprio sexo, seu

próprio gênero, que é também aquilo que os(as) outros(as) concebem como sendo uma correspondência válida, reconhecível, verossímil, dentro de um território de valores, aparências, crenças, ritos mais ou menos estáveis, ativos, real e simbolicamente. O corpo, a aparência, a classe social, a profissão, ainda representam barreiras quase intransponíveis e ameaçadoras ao fluxo contínuo do desejo. O que nos importa são os entremeios, as não identidades, a criação, a imanência, as ipseidades de uma vida des-rotulável, um devir sem gênero, isto é, outrar-se. (PELBART, 2006; ROLNIK, 1996).

Também é intrincada a trama de articulações entre certos valores e normas, ditos e interditos que sustentam as realidades sociais em relação às identidades de gênero na pós-modernidade. Apesar das reconfigurações e da variabilidade dos fenômenos sociais em torno da sexualidade e do gênero, certos valores e discursos persistem e se reformulam (BAUMAN, 2004, 2013).

Os traços do amor romântico associados à escolha de parceiros(as) ainda são significantes reconhecidos, a vida matrimonial associada à religiosidade, a paternidade e a maternidade. Na atualidade, ainda podemos falar da 'conquista-sedução-proteção'<sup>7</sup> como significante de virilidade masculina e da afetividade-sedução-objeto como significantes das feminilidades dominantes. São formas distributivas e coagulantes do desejo, estabilizadas ao longo da história como formas colonizadas de produção da repetição de afetamentos que tomam o corpo e a sexualidade, além de outras intensidades como estratos agenciáveis (RAGO, 2012; ROLNIK, 1996).

São valores que remetem a uma herança histórica, reformulada e remodelada socialmente. Carregam o legado heteronormativo de outras gerações sociais, da forma como se colonizou simbolicamente o desejo, como dobradiça anátomopolítica entre corpo e sociedade, como estratégia de controle, mas também como região de interseccionalidades nômades (GUATTARRI, ROLNIK, 2003).

Esses e outros pares de crenças e valores associados intercambiam as subjetividades, suas relações, possibilidades, experiências individuais e coletivas e ainda são validados como expressões da vida social, seja positiva ou negativamente. São tais pares, digamos, binarismos, associados e articuláveis que promovem a eficácia das estratégias e táticas do poder Biopolítico, na sua dupla captura do corpo do indivíduo e do corpo da população, sendo perpetradas pelas micropolíticas públicas de subjetivação (FOUCAULT, 2003; 2007).

---

<sup>7</sup> Grifo nosso. Remete ao protótipo de enamoramento machista ou, ao modelo de atuação masculina na mesma situação.

Sejam os heterossexuais, homossexuais, transexuais, *queer*'s<sup>8</sup>, aventureiros ou não nessas paragens e regiões intersticiais, muitos ainda se veem emaranhados e apegados a valores, mitos e crenças, que estiveram na base dos preconceitos de gênero e para com as sexualidades dos diferentes. O casamento, o parceiro 'verdadeiro' e ideal, a reprodução, a família, a fidelidade continuam sendo laços e relações vislumbradas e exercitadas, mesmo que de formas outras, menos estáveis e mais múltiplas.

São valores e discursos buscados como recursos de inserção e pertencimento social, como recursos pessoais à vida social, sua aspereza, finitude, transição, insegurança, dificuldades. São reforçados por políticas públicas diversas, pelo discurso jurídico, leis, normas, pela concepção de saúde e de doença, pelas concepções de infância, adolescência, vida adulta e velhice e sua transição. Enfim, por saberes e poderes distintos e orquestrados, que tomam a vida como uma dimensão a ser administrada Biopoliticamente (PELBART, 2004; GUATTARRI; ROLNIK, 2003).

Encontram-se no cerne das questões sob as formas de subjetivação que, atualmente, possuem, como princípios dominantes, o êxito social em seu sentido amplo e privado ao mesmo tempo; a ascensão de classe, o luxo, o acesso aos bens de consumo e aos prazeres de uma vida de consumo. Em outras palavras, a capacidade de consumo e descartabilidade (BAUMAN, 2004). Afastar-se da marginalização, da violência e dos agravos sociais produzidos por desigualdades econômicas, são itens que consomem a busca pela segurança de uma vida baseada no trabalho, na família e na felicidade como um roteiro mais ou menos confiável e seguro (BAUMAN, 2005).

O arranjo mais ou menos estável desse conjunto de elementos constituem os modos de vida, imbricam-se na existência individual. O indivíduo partilha, para viver, das narrativas socialmente postas e engendradas histórica e culturalmente, assim, integra-se, com seu '*quantum*' de desejo, à complexa dimensão produtiva da vida social. O desejo é quantificado, mas talvez não seja qualificado Tangenciando as relações de gênero, de sexualidade e do desejo na contemporaneidade, Guatarri e Rolnik (1996) expõem essa articulação de modo a vislumbrar as invisibilidades de um sistema de subjetivações:

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão - não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas,

<sup>8</sup> Grifo nosso. Termo guarda-chuva, para nomear pessoas ou grupos que estão à margem do binarismo de gênero. Podem ser gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, do inglês, remete a estranho, esquisito.

---

mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. (GUATARRI; ROLNIK 1996, p. 81).

A dissimulação, como apontada acima, apesar de sua origem e função disciplinar (FOUCAULT, 2000), faz parte, mais do que nunca, do mundo imagético da *tecnocultura* e da sociedade *panóptica e difusa*. Estende-se vertiginosamente nas relações sociais, sendo comum assistir-se, escutar, presenciar o uso dissimulado de estereótipos de gênero em suas relações perversas, desde as mais sutis até as mais extremas e radicais.

No âmbito da educação e do contexto escolar, a vertiginosa pauta oficial das transversalidades curriculares tenta, precariamente, racionalizar e positivar as multiplicidades que adentram nos portões das escolas, nas salas de aula, nos corpos de alunos e professores. Território de contestações e embates entre o novo e o velho, o tradicional e o atual, a escola se vê incomodada e incômoda. Sem certezas e fórmulas prontas, a inventividade e a responsabilização são o melhor caminho quando se tem o desejo como campo de singularização. Partilhamos, aqui, de uma direção sugerida por Giorgio Aganbem (2013) quanto à noção de vida qualificada como norteamento, da qual a escola precisa se apropriar, e também o de um paradigma ético-estético que valorize outras intensidades, para além da formação lógico científica tradicional, a qual a escola, também, ainda não alcançou.

### **As violências e os gêneros na sociedade de hiperconsumo: (im)possibilidades para o desejo**

Seja no trabalho, na escola, no espaço doméstico e familiar, no espaço público e na política, podem ser encontrados episódios estruturais de uma sociedade representada pelas formas de violência e sua 'banalização'.

Com as relações de gênero não é diferente, encontrar-se-á ainda uma história daqueles que passaram todo esse tempo silenciados e oprimidos, e outra, daqueles que deixaram de lutar e de refletir sobre suas próprias condições, aqueles que desertaram da história, como se fosse possível fazê-lo, alunos(as), professores(as), gestores, familiares, comunidades (SOUZA, MARTINS, ARAÚJO, 2011).

Os efeitos desse fenômeno, além de associados às sociedades capitalistas, revelam a falência de outros recursos, instituições e discursos capazes de resolver os conflitos inerentes à contemporaneidade. Nesse contexto, os estudos sobre o assunto apontam a naturalização e a normatização do fenô-

meno da violência, sobretudo em relação à violência doméstica dirigida contra mulheres, contra crianças, contra homossexuais, na escola e na rua (CAMPOS, 2011; BARUS-MICHEL, 2011).

Dentre os mais dissimulados, mas não menos violento, destaca-se o assédio dos ideais culturais globalizados: o de saúde, beleza e jovialidade; o de felicidade e prazer, intensamente disponibilizados e ofertados nas sociedades capitalistas, cujos efeitos estão por trás das pequenas humilhações ao longo da vida, sofridas pelos(as) despossuídos(as) dos padrões econômicos, da mesma saúde, corpo, inteligência, habilidades, beleza, feminilidade, masculinidade, homossexualidade e protoplasmadas no social (PELBART, 2006).

Enfim, ser negro(a), pobre, mulher, homossexual, velho(a), criança, obeso(a), deficiente físico ou mental, não só no Brasil, mas também no México, na Colômbia, na Bolívia, no Haiti, na Argentina, no Chile, países marcados pelas desigualdades sociais e econômicas, torna-se um agravante impiedoso, um desafio quase intransponível que alimenta ainda mais a política da meritocracia (CANCLINI, 2008; DE SOUZA SANTOS, 2009).

Segundo Bandeira (2013), em relação aos múltiplos reforçadores das condições de desigualdade entre os gêneros é preciso lembrar que,

[...] além da eficácia de políticas públicas voltadas para a redução das assimetrias de gênero, há de se reconhecer a influencia de outros fatores estruturais na sua reprodução e ampliação: as mudanças sóciodemográficas que interferem no perfil de emprego; o papel do Estado no mundo globalizado; os desafios colocados pela diversidade étnico-racial; as alterações que vem ocorrendo nos múltiplos arranjos familiares; as mudanças no tradicional padrão da divisão sexual do trabalho e nos padrões da sexualidade, dentre outros. (BANDEIRA 2013, p. 44).

Os impasses, as violências, as agressões, as humilhações são, então, expressões de representações ainda vigentes e ativas nos grupos sociais. Os impactos no campo do desejo são, às vezes, nefastos e duradouros. Em geral, o desejo sofre uma normatização, um adestramento, uma domesticação, mas também pode ser medicalizado, patologizado, biologizado e agenciado por diferentes poderes e saberes das práticas de si. Mas em se tratando de desejo, este tem atravessado e escapado sempre (ROLNIK, 1996; GUATTARRI, ROLNIK, 2003).

Quanto às possibilidades de investimentos desejantes por parte de homens e mulheres, em países que vão dos EUA à América Latina, as novas

necessidades, as novas condições cotidianas têm se mostrado poderosas circunstâncias, em que, tanto um quanto outro subvertem suas (des) qualificações, (des) autorizando-se a reinvenção de laços e atividades anteriormente genericadas, descolecionando espécimes, descolonizando códigos, superfícies, sentidos, práticas (GUATTARRI, ROLNIK, 1996; 2003; CANCLINI, 2008).

As novas configurações subjetivas, institucionais, sociais e tecnológicas vêm arrastando para o plano da intimidade e da privacidade as narrativas de gênero e as formas identitárias, descentrando-as das narrativas canônicas e centralizando-as na individualidade psicológica e multicultural (GREGOLIN, 2008).

Conforme Castañeda (2006), o que está em jogo é a própria definição do que é ser homem e ser mulher:

O conflito atual entre homens e mulheres relaciona-se, em grande medida, a essas definições. Homens e mulheres tentam impor a própria visão de como devem ser uns e outras, num esforço de modelagem recíproca. Muitos homens insistem em continuar a dominar as mulheres, impondo um posição subordinada em todos os âmbitos. Muitas delas esforçam-se para mudá-los, para que sejam menos machistas. (CASTAÑEDA, 2006, p.31-32),

Portanto, os embates atravessam as instâncias e espaços de poder e de governabilidade, suas insígnias, suas formas identitárias, e a escola é uma dessas instâncias que, por extensão, remete à família, à comunidade, à cidade.

Os modos de captura e subjetivação da escola ainda refletem espaços e discursos genericados, heteronormativos, sempre prontos para classificar, instaurar, coagir, constringer, excluir, separar e evocar os estereótipos e preconceitos em relação às transversalidades de gênero (PRÁ, 2011). As máquinas e seus agentes disciplinares, os aparelhos políticos de legitimação e naturalização heteronormativos, através das políticas de subjetivação, espalham-se pelo tecido social, distribuindo suas forças e espiando os corpos, as diferenças, as discrepâncias e os desvios. A escola ainda é um espaço de inculcamento, de orquestração e mitigação do desejo, espaço que instaura a geocracia do gozo, a perversão de uma lógica que cerceia o desejo, imprimindo selos de valorização, aceitação e exclusão (BUJES, 2001).

A todo instante somos convocados a dizer nosso sexo, nossa situação, nossa condição, nossa filiação, nossa identidade e somos convocados a resguardá-las, nutri-las, alimentá-las, adorná-las, protegê-las. São utilizadas como moedas de troca, como credenciais de um poder que atravessa e que se

exerce, sem as(os) quais não se tem voz, nem lugar, mesmo que minimamente, como sujeito ético e político (FOUCAULT, 2003; 2007).

Conforme Louro (1997, p. 86), “interessa-nos estudos que levem a cabo a desconstrução e transformação, sem a simples inversão da polarização hierárquica entre gêneros. Isto é, não se trata somente de qual gênero possui mais poder ou está no poder”. Deve-se ter em mente os modos de vida e a riqueza da vida nas suas múltiplas formas, a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Utilizando as contribuições de Louro (1997), Scott (1997) Foucault (2003), Castañeda (2006) e Rolnik (1996, 2006), nas análises que tecem tão generosamente, vemos emergir processos discriminatórios, assimétricos e de opressão antes ocultados pelas impossibilidades metodológicas e epistemológicas no que tange às relações de gênero, sexualidade, sujeito e sociedade. Relações estas, agravadas e intensificadas diante as conjecturas econômicas e culturais atuais, tendo a escola como território de sequestro e de contestação das singularidades, das identidades e do desejo.

Como sustenta Scott (1996), desnudar aspectos da lógica binária e da articulação de seu sistema, responsabilizado pela hierarquização simbólica, espacial e assimétrica da diferença e da igualdade entre os corpos, grupos e discursos intentam demonstrar que as distinções de gênero são circunstanciais e se retroalimentam dentro dos jogos pela verdade e de distribuição do poder e do saber. Toma-se, como contexto *tecnocultural*, a sociedade capitalista de hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007).

Assim, depreende-se, inicialmente, que o apagamento momentâneo das fronteiras entre feminino e masculino, cooperam e complementam-se, reforçam ou desfazem as próprias distinções de gênero. Isso demonstra que, além das distinções e das diferenças, o poder se articula, se distribui e se exerce, deslizando entre os polos, as intenções e as finalidades. Aquém de qualquer isenção do poder e das políticas de subjetivação em voga na pós-modernidade, deve-se buscar seus efeitos nas relações de gênero e da sexualidade (SCOTT, 1996).

### **A lógica de mercado e a subjetividade de consumo: gênero para que e para quem?**

De acordo com os(as) autores(as) supracitados(as), deve-se atentar para as situações de re-polarização das relações de poder entre os gêneros, de inversões, de invasões, de aproximações, de atravessamentos e continuidades



nas (in)distinções de gênero, próprias, talvez, das sociedades capitalistas.

A seguir, intentamos apresentar um cenário difuso, cheio de sombras e áreas fortemente visíveis, zonas atravessadas e invadidas, em relação às demarcações de gênero, sexualidades e do *quantum* de desejo distribuído e interpelado pelas vicissitudes da sociedade de hiperconsumo.

As relações entre gêneros, sexualidades e corpos foram proporcionadas por situações históricas, contextuais, geográficas, até climáticas, eventuais ou extremas, transitórias ou duradouras. Algumas delas foram institucionalizadas; outras ainda são mantidas como expressões das práticas de si e dos outros, da cultura, sua parte avessa, abjeta, múltipla, criativa. Assim, ao serem explicitadas e analisadas nos permitem pensar nos códigos de distinção naturalizados e tornados hegemônicos, como dispositivos políticos, no que se refere às possibilidades desejantes em jogo, das micropolíticas do desejo e do desejo para além das possibilidades de captura (RAGO, 2012; CASTAÑEDA, 2006).

Há toda uma rede discursiva de sanções e exames que vigiam e tipificam os corpos e suas ações, atuações, escolhas e possibilidades, aparências, pertencimentos e identificações. Trata-se de um poder difuso, de muitos especialistas e de uma variabilidade classificatória e normalizadora que atua diretamente sobre as subjetividades, os sexos, os gêneros, as singularidades (DELEUZE; GUATTARRI, 1996; ROLNIK 2006; FOUCAULT, 2003).

Corroboramos a perspectiva de que o apagamento das distinções de gênero, e de 'outras' categorias, como classe e raça, em certos níveis sociais, são igualmente viáveis e produtivas ao poder, quanto sua convocação pela norma, enunciação normativa, em outros níveis, esferas e situações sociais. Elas não são fixas e determinadas *prêt-à-porter*, e, sim, obedecem ao deslizamento e otimização das forças dos poderes em jogo.

Por conseguinte, deve-se interrogar certa parcela da indústria cultural e do capitalismo cultural, emocional e identitário, para vislumbrar tal argumento. Se possível, ainda esboçar algumas de suas implicações nas relações de gênero e entre os gêneros, tomando como interlocutores o exercício da sexualidade, o sexo, o desejo e os prazeres.

Diante do mercado, como lógica dominante (BAUMAN, 2004; 2008), ela própria, efêmera e fluída (LIPOVETSKY, 2007), especulativa e imagética (DEBORD, 1994), temos a seguinte situação: tal lógica iguala e diferencia os gêneros e os sexos, na medida de seu apetite e de seus interesses, imperativamente mercadológicos. O sujeito busca suas identidades de gênero nas prateleiras, nos magazines, nas lojas, nos produtos e serviços oferecidos e evocados a todo instante pela cultura do consumo. O preenchimento deve ser constantemente

refeito. Nesse contexto, a escola e seus agentes estão precariamente equipados com narrativas e possibilidades de realizar o furo na norma, sem dispositivos discursivos e estéticos para questionar e singularizar as formas de resistência e posicionamentos necessários para oferecer uma qualificação à vida de seus alunos(as) (BARBOSA, 2010).

Para Lacan (2006 APUD MRECH, 2010), passou-se de uma lógica da mais-valia à do mais-de-gozar, cujas implicações são a necessidade de formação de um grande mercado consumidor. Os objetos de consumo prometem ao sujeito consumidor esse algo a mais de gozar, e, por sua vez, somente os objetos podem fornecer esse tal gozo contínuo. Mulheres e homens, na condição de consumidores, dividem e são divididos, classificados, identificados, diante dos produtos e serviços específicos voltados a certa lógica identitárias dos gêneros.

Os sujeitos e a sua relação com o objeto incorporam-se em uma rede discursiva para os gêneros, seus imperativos, seus signos, suas características, sua estilística. Gênero é um bem e uma mercadoria consumível, além de outra gama de processos e conteúdos subjetivos. A subjetividade é (re)produzida. Cabe ao sujeito geri-la, estampá-la, adorná-la, fabricá-la, corresponder ao fetiche. Esse é um duplo perigo da contemporaneidade e da sociedade capitalista: instaurar uma sodomia da singularidade de consumo (ROLNIK, 1996).

Ao mesmo tempo, o consumidor é uma categoria sem gênero, rotulável, moldável; lugar inescapável nos tempos atuais, onde a vida é ampla e minuciosamente atrelada às cadeias produtivas. Lipovetsky (2007) corrobora o advento do *Homus Consuméricos*, sujeito da modernidade por excelência, que trocou a insegurança, a escassez e o risco pelo luxo, pela segurança, pela facilidade, pela sobrevivência voraz dentro do consumo contínuo e emocional. Enfim, trocou seu tempo e sua (força de trabalho) mão de obra, vislumbrando-se como trabalhador e consumidor. Já não é possível vislumbrar uma sociedade sem consumidores na acepção capitalista do termo.

A categoria consumidor(a), sob este aspecto, produz e influencia os códigos de distinção entre pessoas e níveis sociais, operando também aproximações e distanciamentos entre os gêneros. Vai de um extremo ao outro, retroalimentando-se dos espaços e lacunas, rupturas e espaços de fuga ainda não ocupados e agenciados de forma capitalística. Nada pode passar despercebido, cada espaço vazio deve ser preenchido com anúncios, produtos e serviços. O problema da banalização do humano que deve colecionar/descolecionar objetos identificatórios, extrapola as questões entre os gêneros. O que se coloca em questão é outra coisa. O gozo social e a pulverização do gozo em uma infinidade de objetos parciais imposta pela sociedade do hiperconsumo

e de consumo emocional converte o próprio humano em condição de objeto, de coisa, tese Lacaniana do discurso do capitalista; reduz a vida e o sujeito à sua condição de animalidade, de necessidades, de sobrevivência, de escravidão. A educação e seus agentes têm ignorado as leituras do mal-estar, têm se omitido em fornecer possibilidades de leitura do real e de nossa condição de precarização, coisificação, de nossa responsabilização ético-estética com a vida e o Planeta. Como sintoma, vemos os resultados no subíndices de leitura, interpretação de texto, pensamento narrativo, construção de sentidos obtidos pelo Brasil na prova PISA, os alunos(as) são incapazes de compreender e pensar o real (BRASIL, 2014; AGANBEM, 2013).

A proliferação de seguimentos, produtos e serviços, que tomam a categoria gênero como elemento diferencial entre grupos de consumidores e seu potencial de compra não são uma novidade e foram sistematicamente aperfeiçoados ao longo das últimas décadas. Produtos feitos e anunciados para “as mulheres” ou para “os homens” traziam nitidamente a divisão social e política entre masculino e feminino. Tornavam nítidos os campos do desejo de um e outro e, em quais espaços estes seriam possíveis, autorizados e ou proibidos tanto para homens, mulheres quanto para, velhos, crianças, deficientes, jovens, ricos, pobres, etc.

Produtos de utilidades domésticas ou produtos de beleza para as mulheres foram símbolos dos modos de subjetivação da mulher ocidental moderna. Aos homens, o trabalho, uma poltrona confortável, a cerveja depois da jornada, um aparelho de barbear, uma caixa de ferramentas, um automóvel. Tudo conforme o *American Way of Life*, o *Zeitgeist* da época do capitalismo de massa. No entanto, esse cenário teve suas transformações devido às mudanças sociais, políticas e culturais (comportamentais/emocionais) nos modos de vida ao longo dos anos.

O *ethos* do mundo líquido e da vida para o consumo acelerou e exacerbou a demanda de produtos e serviços especializados. As cópias, os similares, os simulacros, a extensão e o volume da produção diversificaram setores e segmentos de mercado, atingindo diferentes classes de modo permanente e sistemático (BAUMAN, 2008).

Gênero é uma categoria performática fortemente amarrada ao dispositivo da sexualidade; é definida pelas atribuições que desempenhamos e regulada pela norma binária do dispositivo da sexualidade interpelado pelas instituições e discursos governamentais articulados ao papel da indústria cultural de massa na formulação e serialização dos processos de subjetivação (BUTHLER, 2003; FOUCAULT, 2003). Tal processo, perpetrado pela lógica da

indústria cultural (ADORNO, 1999), age, como em outros tempos, com poderosa influência nas reconfigurações das relações e práticas sociais; ora disfarça, ora acentua rupturas, descontinuidades e repetições, coletivamente compartilhadas e individualmente exercitadas, cujos interesses, prioritariamente econômicos, também servem para legitimar seu poder frente a outras instâncias e agências normativas, entre as quais a Ciência, o Direito, a Medicina.

Conforme Guattari e Rolnik (1996, p. 153), “todos os procedimentos de saber, de eficiência semiótica no mundo atual participam de agenciamentos complexos, que jamais são da alçada de um único especialista”. A afirmação de Sueli Rolnik revela um campo de forças, cujas ramificações são demasiadas e complexas. Dificilmente totalizantes por um saber ou poder específicos, convém sublinhar a ampla utilização de recursos técnico-científicos e semióticos de (re)produção e de antiprodução, articulados às estratégias de marketing emocionais e a uma infalível psicologia do consumismo e das vendas.

### Considerações finais

Na atualidade da denominada Modernidade Líquida (BAUMAN, 1998, 2004), os gêneros se tornam brilhantes ferramentas de *marketing* estratégico, emocional e científico, tanto para produtos quanto para serviços. Isso possui fortes implicações na produção de subjetividades, em suas formas narrativas e, por sua vez, nas modalidades de desejo dispostas e oferecidas e aquelas mais atuadas. A escola e seus agentes não podem ignorar a necessidade de uma educação ético-estética capaz de ler e recortar, fazer singularizações e furos no discurso do mestre, mas deve colocar o humano lá mesmo, onde é transformado em objeto. A escola só conseguirá tal façanha ou agenciamento criativo de luta através da ótica dos dispositivos e das resistências, ativando os corpos e as subjetividades pelas intensidades da arte, da música, das linguagens outras em que vibram os afetos e as significações.

Estar-se-ia diante do tão esperado e conquistado reconhecimento da igualdade na diferença no que tange às relações entre os gêneros ou, ainda seriam apenas disfarçadas as fronteiras e as liberdades, o reconhecimento das mulheres e das minorias de gênero, em termos políticos, de poder e de tomada de decisões importantes e estruturais na sociedade contemporânea? Mulher ou homem, tanto faz na lógica de mercado, os gêneros tornam-se um potencial circuito de agenciamentos de consumo e de subjetivações capitalísticas. Produzem e incitam mudanças de interesse, reforçam estereótipos de gênero e ajustam as subjetividades às demandas de mercado. A escola é

interrogada por tal condição, e como instituição em que as crianças depositam suas expectativas de futuro, de qualificação da vida, não pode se isentar de fornecer respostas e possibilidades. São interrogantes emergenciais e zelam pela possibilidade de um mundo melhor, com um menor número de sofrimentos, barbáries e desigualdades. São interrogantes que possuem afinidades com os objetivos<sup>9</sup> traçados para a promoção da cidadania, da paz, da redução da violência, de uma ética e estética sustentável que conduza as outras gerações para uma vida qualificada e menos suja, em termos amplos.

Na ética do individualismo e do hedonismo da intimidade, versões contemporâneas dos cuidados de si, os gêneros são avidamente bombardeados por formas identitárias de cuidados com a aparência, com o trabalho e o desempenho profissional, impostos como tarefa pessoal, para realizar a manutenção constante entre os excessos e as privações do mundo contemporâneo. Tal interpelação ocorre no campo do desejo, em que os investimentos da ordem da subjetividade e do psiquismo se articulam com investimentos de forças externas, maquinicas, propriamente macropolíticas e micropolíticas, isto é, ao mercado das políticas de subjetivação dominantes, aos agenciamentos da forças desejanças pela lógica da racionalidade tecnológica e pela indústria das identidades e prazeres descartáveis como formas de negar e desmentir sua condição de objeto.

Como em outros vértices apontados ao longo do texto, a escola e a educação em sentido amplo, pouco se atêm aos eixos tangenciados. Em suma, chamam a atenção para algo simples e controverso: a escola tem se omitido de uma formação integral e estética da vida, conforme a noção de Giorgio Aganbem (2013), de vida qualificada. A escola está mal equipada e desvalorizada, seus agentes reduzidos a simples peças em um currículo de zumbis e fantasmas. Também não tem conseguido desempenhar seu papel essencial, desenvolver o pensamento lógico científico, como se este fosse algo a ser separado do campo do desejo e de uma educação ético-estética da existência. Privilegiou-se o cognitivo, o instrumental, o lógico, o objetivo, o exato, o quantitativo, se esqueceram do desejo, da singularidade, do afeto, do ético, do estético, da existência. As reflexões, muitas vezes rebuscadas e com intenções de atender ao rigor acadêmico, são sempre almejadas, pois tivemos sempre o plano ético como norte e farol diante da vertiginosa complexidade de nossa condição contemporânea.

---

<sup>9</sup> Se refere aos oito objetivos do milênio para o desenvolvimento de um mundo melhor elaborados pela Organização das Nações Unidas.

## Referências

ADORNO, Theodore Wiesengrund-. *Vida e Obra: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. (Tradução de Henrique Burigo). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. A transversalidade de gênero nas políticas públicas. *Revista Ceam*, UNB/Brasília, vol. 2, n.1, p. 35-46, jan/jun 2013. Disponível em: <<http://periódicos.bce.unb.br/index.php/revistadoceam/about>>. Acesso 15/12/2013.

BAUMAN, Z. *Sobre Educação e Juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*, (Tradução: Medeiros, C. A). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. (Tradução Mauro Gama). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997/1998.

\_\_\_\_\_. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. (Tradução Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BIRMAN, JOEL. *Tatuando o Desamparo: a Juventude na atualidade*. 2005. Disponível em: <<http://www.chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>>. Acesso em 11/05/2014.

BUJES, Maria Isabel Edelwiess. *Infância e Maquinarias*. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <[http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1904?locale-pt\\_br](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1904?locale-pt_br)>. Acesso em: 21/07/2014.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto alegre: Artmed. 1997.

BARBOSA, Livia. *Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro-Zahar. ed.3. 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASTAÑEDA, Marina. *O Machismo invisível*. (Tradução Lara Christina de Malimpensa). São Paulo, a Girafa editora, 2006.

DELEUZE, G. Guattari, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 (Tradução de A. G. N. et al.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT. Michel. *Microfísica do Poder*. (Tradução Roberto Machado). 23. ed. ed., Rio de Janeiro: Graal. 2007.

---

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: O uso dos Prazeres*. 10. ed., São Paulo: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 23. ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado. *Estudos de Linguagem*. vol. 6 n.1 p.81-97, Vitória da Conquista ES, 2008. Disponível em: <[www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem](http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem)>. Acesso em: 08/08/2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 203p.

JORKEWICZ, Regina Soares. *Quem controla as mulheres? Direitos reprodutivos e fundamentalismos religiosos na América latina*. São Paulo, 2011.

KEEN, Andrew. *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Rio de Janeiro, editora Zahar, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. 1. ed., Companhia das Letras. Companhia de Bolso, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Uma epistemologia feminina. In: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. P. 142-160.

MACHADO, Adriana Marcondes. Avaliação Psicológica e as relações institucionais. In: *Conselho Federal de Psicologia. Ano da Avaliação Psicológica – Textos geradores - Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011*. Disponível também em: <[www.pol.org.br](http://www.pol.org.br) 1ª edição – 2011>. Acesso em 08/05/2014.

MRECH, Leny. Magalhães; RHAME, Mônica. Sujeito dividido, proliferação de objetos e desinserção social: os laços sociais e o discurso capitalista na cultura contemporânea. *Revista SEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 11, nov. 2010 / abr. 2011. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_11/artigo\\_05\\_revista11.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_11/artigo_05_revista11.html)>. Acesso em: 26/07/2014.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise*. (Tradução Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

PELBART, Peter Paul. Folha de São Paulo – 19/07/2013. *Anota ai, eu sou ninguém*. Disponível em: <[http://br.covertimes.com/news/folha-de-sao-paulo-br\\_2013-07-19/peter-pal-pelbart-anota-ai-eu-sou-ninguem/1033980](http://br.covertimes.com/news/folha-de-sao-paulo-br_2013-07-19/peter-pal-pelbart-anota-ai-eu-sou-ninguem/1033980)>. Acesso em 02/08/2014.

\_\_\_\_\_. *Viver não é sobreviver: para além da vida aprisionada*. III Seminário internacional: A Educação Medicalizada: reconhecer e acolher a diferença. Disponível em: <<http://www.redehumanizaus.net/63611-viver-nao-e-sobreviver-para-alem-da-vida-aprisionada-peter-pal-pelbart-primeira-parte>>. Acesso em: 10/08/2014.

PRÁ, Jussara Reis. Mulheres, relações de poder e políticas públicas. In: MAUÉS, Maria Angelica Motta; Álvares, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos; (Org.). *Mulheres amazônidas: Imagens-cenários-histórias*. Belém: GEPEN, 2011. (Coleção Mulheres e Gênero na Amazônia, vol. 3, p. 69-97).

ROLNIK, Suely. *A guerra dos gêneros e a guerra aos gêneros*. 1996. Disponível em: <<http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/genero.pdf>>. Acesso em 17/07/2014.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica da Cafetinagem; geopolítica da subjetividade*. 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>>. Acesso em 11/08/2014.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. (Tradução Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v.20, n.2, jul/dez 1995. P. 71-99.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

**Data de recebimento: 10.03.2015**

**Data de aceite: 30. 09.2015**